

FERSTER ESCREVE: ONTEM, HOJE, SEMPRE ATUAL
FERSTER WRITES: YESTERDAY, AS TODAY, ALWAYS TIMELY

RACHEL RODRIGUES KERBAUY¹
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

RESUMO

Este texto é uma breve introdução à tradução do capítulo de Charles B. Ferster, *Psicoterapia do ponto de vista de um comportamentalista*, publicada na seção de clássicos deste número da *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. A apresentação inclui uma breve biografia de Ferster, seguida por comentários sobre a importância do texto (pela ponte estabelecida entre a ciência natural e a prática clínica) e alguns dos aspectos centrais dessa contribuição. Ferster comenta sobre a importância dos reforçadores naturais e a necessidade de identificar como o terapeuta e o cliente modificam o comportamento um do outro na interação e explica como os comportamentos verbais que emergem como produto da terapia são capazes de produzir melhoras na vida cotidiana. A análise de Ferster deixou aberto o caminho para investigar sistematicamente as sutilezas de qualquer relação terapêutica, das interações terapeuta-cliente. O autor salienta o papel da metodologia de caso único como maneira de produzir conhecimento e mostra que o trabalho clínico pode explicar concretamente como os comportamentos são regidos por princípios descobertos no laboratório; e como, mesmo sem serem pesquisadores, os terapeutas podem compreender seu trabalho por meio da observação sistemática do que fazem e dos efeitos que produzem.

Palavras-chave: Charles B. Ferster, psicoterapia analítico-comportamental, interação terapeuta-cliente, princípios do comportamento

ABSTRACT

The present text is a brief introduction to the translation of the chapter by Charles B. Ferster, *Psychotherapy from the standpoint of a behaviorist*, published in the section of classical works of this issue of the *Brazilian Journal of Behavior Analysis*. A brief biography of Ferster is followed by comments about the chapter's importance (especially the bridge between a natural science and the clinical practice) and some central aspects of this contribution, such as the importance of natural reinforcers, the need for the identification of how therapist and client modify the behavior of each other during the therapeutic interaction and the need to explain how the verbal behaviors that emerge as a product of the therapeutic processes produce improvements in the everyday life. Ferster's analysis leaves open a way for the systematic investigation of the subtleties of any therapeutic relation. He stresses the role of single case methodology for the production of knowledge and shows that the clinical work can concretely explain how behaviors are governed by principles derived from the laboratory research and how therapists can understand their work by means of the systematic observations of their own behavior and its effects, even though they are not researchers.

Key words: Charles B. Ferster, behavior analytic psychotherapy, therapist-client interactions, behavioral principles

UMA MEMÓRIA E BIOGRAFIA

Charles B. Ferster nasceu em 1º de novembro de 1922 e morreu em 3 de fevereiro de 1981. Durante esses anos, cursou a Rutgers University, fez mestrado e doutorado na Columbia University sob a orientação de Fred Keller, esteve na Força Aérea durante a guerra, e foi um analista de comportamento. Casou-se com Elyce Ferster e tiveram quatro filhos, além

de interesses culturais em comum. Trabalhou em diversas áreas, em pesquisas com animais, incluindo chimpanzés, terapia comportamental, psicofarmacologia e educação. Seu lema era “se você não se comportar, não será reforçado”. Fez isto. Comportou-se. Escreveu uns noventa trabalhos, publicou livros e foi um dos fundadores do *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (1958) e seu primeiro editor.

¹ Professora Titular de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo. Endereço para correspondência: rachel.kerbauy@itelefonica.com.br.

A criação dessa revista foi crítica, pois ocorreu em uma época difícil para publicar trabalhos com sujeito único. Trabalhos científicos precisavam ter estatística e um grande número de sujeitos. No entanto, para encontrar trabalho o doutor iniciante precisava publicar. Ferster conseguia acesso a revistas, mas era sensível aos problemas dos colegas e da área de estudo escolhida.

Não sei se é possível medir sua importância para o behaviorismo, que parece não reverenciar o passado. Mas considero relevante que o JEAB tenha publicado um artigo de Keller (1981) e outro do Skinner (1982) quando Ferster morreu. O conteúdo e o detalhe das contribuições de Ferster foram por eles destacados. Skinner explica porque Ferster foi o primeiro autor em *Schedules of Reinforcement*. “Pelo seu trabalho de cinco anos e meio de perfeita colaboração”. “O ponto mais alto em minha vida de cientista do comportamento” (p. 259). Skinner continua relatando ser difícil para um membro mais jovem ter a partilha dos méritos. Conta que quando em 1951 apresentou parte da pesquisa no congresso internacional de Estocolmo, disse “Dr. Charles B. Ferster atuou como investigador principal”. No entanto, foi publicada com um só autor, Skinner. Quando, em 1952, Ferster submeteu para publicação o estudo “O emprego de operante livre na análise do comportamento”, o editor perguntou se ele fez só ou se o trabalho foi compartilhado.

Para remediar isto, Skinner planejou fazer a surpresa de colocar Ferster como primeiro autor na publicação do livro. No entanto, estragou a surpresa pois Ferster estava tendo problemas para encontrar trabalho. Contou antes, que ele seria o primeiro autor. Dessa

forma foi reconhecida a colaboração de ambos no trabalho. Considero esse relato de Skinner e sua atitude um exemplo de honestidade científica, de prazer por compartilhar e reconhecer a importância dos colaboradores. Os dois eram professores e sabiam o que é trabalhar em colaboração.

O artigo de Keller não é menos informativo. Mostra as inovações de Ferster em diversas áreas e descreve seu desempenho nas universidades em que trabalhou. Dá um perfil de sua vida como um todo, como sendo um homem que fazia acontecer e, mesmo tímido, conseguia falar o que pensava. Mostrou que apesar de perceber rejeições, continuava no seu rumo e tem um lugar na história da análise do comportamento.

Outros artigos foram escritos, como o publicado no *The Behavior Analyst*, por Boren (1981), e no *American Psychologist* (1982) por Dinsmoor. A tônica é a mesma. A criatividade e o fazer de Ferster. A sua preocupação em analisar interações complexas e problemas diversos. O professor ensinando e inovando.

Em educação criou e ministrou um curso personalizado cujo conteúdo incluía leituras e entrevistas que substituíam as aulas e exames. Esteve no Brasil onde ministrou esse curso e, como aluna que fui, lembro da sala com o material dos passos organizados sobre um balcão. O aluno estava apto a mudar de passo após a entrevista com o monitor ou aluno que já tivesse sido aprovado naquele material estudado. A entrevista era de 15 minutos e havia exercícios escritos periódicos. O curso estava aberto durante certas horas e pretendia reforçar o falar sobre os conhecimentos adquiridos. Era reforçamento natural para comportamento verbal. De fato, se você conhece um assunto, é capaz de falar sobre ele.

UMA VISÃO DE PORQUE TRADUZIR O ARTIGO

Para escrever o capítulo “Psicoterapia do ponto de vista de um behaviorista” era necessário conhecer como se trabalha em terapia e quais são os princípios básicos de uma análise funcional. Charles Ferster tinha o repertório necessário. Foi co-autor de Skinner no *Schedules of Reinforcement* (1957) e também escreveu diversos artigos pioneiros sobre os reforçadores naturais e arbitrários e a situação de psicoterapia, entre 1962 e 1974. As análises que desenvolveu sobre as intervenções terapêuticas baseavam-se na observação direta do trabalho clínico desenvolvido, tanto na abordagem comportamental quanto psicanalítica.

Com esse repertório de pesquisador e estudioso, não é de se estranhar sua frase inicial no capítulo de 1979, traduzido nessa edição da revista. A psicoterapia e psicopatologia comportamental têm como tema o processo de como os comportamentos dos organismos são adquiridos, modelados e eliminados durante sua interação com o ambiente. Logo no início do texto, salientou a contribuição dos pesquisadores que permitiram dar ênfase à plasticidade do comportamento humano: Pavlov, Hull e Skinner demonstraram processos comportamentais ordenados, quando sob controle do ambiente. Destaca que coube a Skinner descobrir a maneira pela qual as variáveis ambientais substituiriam as explicações fisiológicas inferidas ou as explicações mentalistas.

Os pioneiros das primeiras contribuições para o estudo das doenças mentais eram pesquisadores dedicados à pesquisa básica, como ele próprio, Azrin, e Sidman, que saíram de um laboratório e foram pesquisar em hospitais, escolas para normais e retardados e psicoterapia. Ferster foi precursor, com seu estudo clássico

(1962), na análise do autocontrole do comportamento alimentar, tão usado e copiado nos trabalhos sobre obesidade, muitas vezes sem reconhecerem a autoria das análises. Não menos importante é sua análise da depressão. Com Skinner como exemplo, esses pesquisadores podiam dividir-se em seu trabalho e estender as descobertas do laboratório.

No texto, Ferster salienta que o modelo de experimento, geralmente com sujeito único, empregava observação em detalhes do comportamento do pombo ou rato para ajustar as ações do pesquisador às peculiaridades do animal. O comportamento era demonstrado, bem como, o reforçamento, produzia um resultado planejado. No entanto, para criar comportamentos era necessário uma habilidade e sincronia entre o comportamento do animal e do experimentador. A ponte entre a ciência natural e prática clínica era atravessada.

A INTERAÇÃO TERAPEUTA – CLIENTE

O autor descreve com imaginação e em seqüência, como as contribuições do laboratório serviram para ensinar e preparar a colaboração na área da psicoterapia. Destaca que a psicologia comportamental tem uma linguagem sobre a conduta humana que permite a comunicação quando clínicos falam. De fato, salienta que é difícil saber em detalhe quais aspectos da terapia beneficiam o cliente.

Essas colocações possibilitam verificar que o autor procura desvendar o dia a dia da clínica e formular uma maneira de trabalho conjunto entre o clínico e o pesquisador ou o próprio clínico fazendo esse duplo papel. Permanece em suas descrições, centrado em uma linguagem científica. Ao analisar as variáveis das quais o comportamento é função, a chamada análise funcional, coloca em

termos objetivos a experiência clínica e suas práticas, tornando possível a análise de diferentes modalidades da terapia.

Percorrendo os subtítulos do artigo de Ferster você encontrará referências preciosas e comentadas sobre autores e seus livros, que gostará de ler, com outra perspectiva, ou para redescobrir antigas descobertas. Há uma análise da terapia psicodinâmica. Há especialmente uma análise do condicionamento operante e dos livros que considera essenciais, com comentários instigantes. Entre esses não está, e faz falta, o Ferster, Culbertson e Boren (1968/1977), *Princípios do comportamento*, que considero a bíblia para aprender a fazer análises comportamentais, além de trazer vários artigos de Ferster quase na íntegra, quando a análise dos princípios comportamentais exigiam. Destaca-se que os trabalhos com humanos eram raros, ou então seguiam o modelo do JABA, com muitos reforçadores arbitrários.

No capítulo comentado aqui, faz um subtítulo para a idéia que o comportamento operante enfatiza o repertório positivamente reforçado. Salienta a manutenção de um repertório total. Mostra esse destaque como resultado natural do controle de comportamento em detalhes e por ser o repertório um produto da interação com o ambiente social e físico. Ou seja, não é uma classe de atividades definida pela topografia, mas pela alteração produzida no ambiente, o reforçador, que tem a capacidade de aumentar a probabilidade de ocorrência do desempenho. O terapeuta também atua facilitando a ocorrência do comportamento do cliente que será mantido no contexto natural, por conseqüências não mediadas pelo terapeuta que não está presente.

Em seus objetivos neste artigo estão identificar como terapeuta e cliente modificam o comportamento um do outro na interação e explicar como os comportamentos verbais que emergem como produto da terapia seriam capazes de produzir melhoras na vida cotidiana. O papel do comportamento verbal na terapia é evidente, pois este é mantido pelo reforçador. Ouvinte e falante atuam; o terapeuta, com um repertório com propriedades estáveis, fornecerá dicas que modelam e sustentam a fala do cliente. Claro que no início do tratamento a fala do cliente é em função de sua história passada e dos ouvintes que exerciam controle sobre ela. O terapeuta como ouvinte treinado poderá influir nesse discurso. O ouvinte e falante, terapeuta – cliente, criam uma situação na qual os reforços são naturais, mantidos pelos repertórios estáveis e novos de ambos. O comportamento verbal inicial do cliente é controlado pela privação e estimulação aversiva e, portanto bastante insensível às reações do terapeuta. Queixas generalizadas mediadas pelas ações verbais do terapeuta, que reage seletivamente ao cliente, vão aos poucos sendo transformadas em novos desempenhos.

Portanto, para Ferster um dos objetivos da terapia seria facilitar ao cliente o relato de seus processos encobertos, criando condições para descobrir os antecedentes funcionais. Estes permitiriam ao terapeuta fazer análise funcional sobre as interações ocorridas na sessão e identificar e ensinar novas alternativas para o comportamento. O comportamento verbal é ampliado através das contingências em vigor e, quando utilizadas fora da sessão, aumentam a capacidade de maximizar o reforço positivo e reduzir o controle aversivo.

Ferster propõe uma forma de análise dos encadeamentos de desempenhos da pessoa no

ambiente e do terapeuta e cliente, o que permite diagramar o repertório do cliente e terapeuta interagindo. De acordo com as situações, é possível identificar os reforçadores naturais e arbitrários e seus efeitos sobre o comportamento específico.

Rer ler esse texto quando estamos tratando de um caso complexo é auxílio para trabalhar melhor. É analisar o que estamos fazendo, rever e exigir notas e gravações para novas decisões clínicas.

A análise de Ferster deixou um caminho aberto para investigar sistematicamente qualquer relação terapêutica. Demonstrou, neste e em seus numerosos artigos, como são sutis as relações terapêuticas, as interações terapeuta-cliente. Salienta que a análise do comportamento enfatiza a metodologia do caso único como maneira de produzir conhecimento. O trabalho clínico e o estudo da relação terapeuta-cliente podem explicar concretamente como os comportamentos são regidos por princípios descobertos no laboratório. Nesse sentido, mesmo sem serem pesquisadores os terapeutas podem compreender seu trabalho, através da observação sistemática do que fazem e de seus efeitos.

Não posso terminar sem agradecer a contribuição de Ferster para minha formação, através da leitura de seus artigos. Com eles foi possível direcionar meu trabalho, desde os estudos de autocontrole até o início de estudos sobre a interação terapeuta-cliente, que tiveram continuidade com orientação de teses de mestrado e doutorado no Departamento de Psicologia Experimental da USP. Mantive essa

forma de trabalhar, observando e analisando a interação no comportamento verbal, em cursos e orientação de trabalhos de alunos de graduação e de pós. Acho que estava ensinando psicologia e incentivando uma maneira de pensar e trabalhar.

REFERÊNCIAS

- Boren, J. J. (1981). Charles B. Ferster (1922-1981). *The Behavior Analyst*, 4, 155-156.
- Dinsmoor, J. A. (1982). Charles B. Ferster (1922-1981). *American Psychologist*, 37, 235.
- Ferster, C. B. (1979). Psychotherapy from the standpoint of a behaviorist. Em J. D. Keehn (Org), *Psychopathology in animals: Research and clinical application* (pp. 279-303). New York: Academic Press.
- Ferster, C. B., Culbertson, S., & Boren, M.C.P. (1968/1977). *Princípios do comportamento*. (Trad. M. Ignez Rocha e Silva, M. Alice C. Rodrigues e M. Benedita Lima Pardo). São Paulo: Editora Hucitec.
- Ferster, C. B., Nurnberger, J. E., & Levitt, E. B. (1962). The control of eating. *Journal of Mathematics*, 1, 87-110. (Republicado no livro de R. Ulrich, T. Stachnik, & J. Mabry (1966). *Control of human behavior*. New York: Scott, Foresman and Company).
- Ferster C. B., & Skinner, B. F. (1957). *Schedules of reinforcement*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Keller, F. S. (1981). Charles Bohris Ferster (1922-1981): An appreciation. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 36, 299-301.
- Skinner, B. F. (1981). Charles B. Ferster – A personal memoir. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 35, 259-261.

*Artigo convidado
Recebido em maio de 2008*

BRAZILIAN GRADUATE PROGRAMS IN BEHAVIOR ANALYSIS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA
EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Curso: MESTRADO

DOCENTES:

Alice Maria Delitti
Maria Amalia Pie Abib Andery
Maria do Carmo Guedes
Maria Elisa Mazilli Pereira
Nilza Micheletto
Paula Suzana Gioia
Roberto Alves Banaco
Sérgio Vasconcelos de Luna
Tereza Maria de Azevedo Pires Sério

Informações adicionais: *<http://www.pucsp.br/pos/experimental>*